

COLEÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

Platão

TIMEU-CRÍTICAS

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS
RODOLFO LOPES



CECH

que aquele que fez o mundo não fez dois nem uma infinidade de mundos; deste modo, o céu foi gerado como unigénito – assim é e assim continuará a ser.

É forçoso que aquilo que deveio seja corpóreo, visível e tangível; mas, separado do fogo, sem dúvida que nada pode ser visível, nem nada pode ser tangível sem qualquer coisa sólida e nada pode ser sólido sem terra. Daí que o deus, quando começou a constituir o corpo do mundo, o tenha feito a partir de fogo e de terra. Todavia, não é possível que somente duas coisas sejam compostas de forma bela sem uma terceira, pois é necessário gerar entre ambas um elo que as una. O mais belo dos elos será aquele que faça a melhor união entre si mesmo e aquilo a que se liga, o que é, por natureza, alcançado da forma mais bela através da proporção⁸⁶. Sempre que de três números, sejam eles inteiros ou em potência⁸⁷, o do meio tenha um carácter tal que o primeiro está para ele como ele está para o último, e, em sentido inverso, o último está para o do meio como o do meio está para o primeiro; o do meio torna-se primeiro e último e o último e o primeiro passam ambos a estar no meio, sendo deste modo obrigatório que se ajustem entre si e, tendo-se assim ajustado uns aos outros entre si, serão todos um só. Ora, se o corpo do mundo tivesse sido gerado como uma superfície plana, sem nenhuma

⁸⁶ *analogia*. A formação do mundo organizado a partir dos quatro elementos obedece inevitavelmente à proporção, isto é, à relação matemática. Como se tornará evidente, até o próprio demiurgo está atido às imposições da proporção matemática.

⁸⁷ A distinção entre números inteiros e em potência é também referida no *Teeteto* (148a-b) e nas *Leis* (737c).

profundidade, um só elemento intermédio teria sido suficiente para o unir aos outros termos⁸⁸. Porém B
 convinha que o mundo fosse de natureza sólida, e, para harmonizar o que é sólido não basta um só elemento intermédio mas sim sempre dois. Foi por isso que, tendo colocado a água e o ar entre o fogo e a terra, e, na medida do possível, produzido entre eles a mesma proporção, de modo a que o fogo estivesse para o ar como o ar estava para a água, e o ar estivesse para a água como a água estava para a terra, o deus uniu estes elementos e constituiu um céu visível e tangível. Foi por causa disto e a partir destes elementos – elementos C
 esses que são em número de quatro – que o corpo do mundo foi engendrado, posto em concordância através de uma proporção; e a partir destes elementos obteve a amizade⁸⁹, de tal forma que, tornando-se idêntico a si mesmo, é indissolúvel por outra entidade que não aquela que o uniu.

Assim, a constituição do mundo tomou cada um destes quatro elementos na sua totalidade. Foi a partir da totalidade do fogo, da água, do ar e da terra que aquele que constituiu o mundo o constituiu, não deixando de fora parte alguma nem propriedade alguma, pois este era o seu desígnio⁹⁰: em primeiro lugar, que fosse, acima D

⁸⁸ Referência ao problema da duplicação do quadrado que estaria já resolvido no tempo de Platão (vide *Ménon* 81e-84b).

⁸⁹ A noção de amizade (*philia*) que Timeu introduz neste ponto em que aborda a combinação dos quatro elementos convida a uma relação intertextual com a *Philia* de que fala Empédocles como entidade mediadora desses mesmos elementos. Sobre esta questão, vide Introdução, p. 25.

⁹⁰ *dianoeô*.

de tudo, um ser-vivo completo e perfeito⁹¹, constituído a partir de partes perfeitas; em seguida, que fosse único, posto que não sobraria nada a partir do qual pudesse ser gerado um outro da mesma natureza; e ainda, que estivesse imune ao envelhecimento e à doença, pois ele⁹² tinha perfeita consciência de que o calor, o frio e outras forças violentas, cercando de fora um corpo composto e caindo sobre ele, dissolvem-no e, impondo-lhe doenças e envelhecimento, causam a sua destruição. Foi por este motivo, e com base neste raciocínio, que a partir da globalidade dos todos produziu um só todo perfeito, imune ao envelhecimento e à doença.

Além disso, deu-lhe a figura adequada e congénere. De facto, a forma adequada ao ser-vivo que deve compreender em si mesmo todos os seres-vivos será aquela que compreenda em si mesma todas as formas⁹³. Por isso, para o arredondar, como que por meio de um torno, deu-lhe uma forma esférica, cujo centro está à mesma distância de todos os pontos do extremo envolvente – e de todas as figuras é essa a mais perfeita e semelhante a si própria –, considerando que o semelhante é infinitamente mais belo do que o dissemelhante.

Rematou o lado exterior de forma completamente lisa e arredondada por várias razões. É que este ser-vivo não tinha necessidade de olhos, pois fora dele não restava

⁹¹ *holon (...) zôon teleon.*

⁹² O demiurgo.

⁹³ A possibilidade de a esfera englobar todas as formas estereométricas será mais tarde desenvolvida por Euclides (13.13-17).

nada para ver, nem de ouvidos, pois não havia nada para ouvir; não havia ar à sua volta que fosse preciso respirar, nem precisava de ter qualquer órgão através do qual absorvesse alimentos para si próprio nem, por outro lado, que segregasse o que tinha anteriormente filtrado. Na verdade, nada entrava nele nem nada saía dali, pois não havia mais nada. Ele fora gerado de tal forma que o seu alimento seria garantido pela sua própria consumpção⁹⁴, de modo que tudo quanto sofre resulta de si mesmo e tudo quanto faz é em si mesmo. Aquele que o compôs achou que, para ser mais forte, seria melhor que fosse auto-suficiente⁹⁵ do que tivesse necessidade de outros. Quanto a mãos, não sendo preciso que com elas pegasse em nada ou afastasse algo, considerou que não seria necessário aplicar-lhas, nem pés, nem, de um modo geral, nenhum apetrecho para andar. Quanto ao movimento, atribuiu-lhe aquele que é característico do corpo: dos sete, aquele que mais tem que ver com o intelecto e com o pensamento⁹⁶. Foi por isso que, ao pô-lo girar em torno de si mesmo e no mesmo local, fez com que se movimentasse num círculo, em rotação, tendo-o despojado de todos os outros seis movimentos e tornado imóvel em relação a

D

34A

⁹⁴ *phtisis*.

⁹⁵ *autarkês*. É inevitável ler neste passo um eco da *autarkeia* de Demócrito (e.g. DK 68B176). Porém, como oportunamente observa Taylor (1928, pp. 105-106), convém ter em conta que algo deveniente não é absolutamente auto-suficiente, porquanto deve a sua causa às Ideias; o mundo sê-lo-á na medida em que não tem interacções com outro deveniente.

⁹⁶ *phronêsis*.

eles⁹⁷. Como para esse percurso não eram precisos pés, engendrou-o sem pernas nem pés.

B Este foi, de um modo global, o desígnio⁹⁸ do deus que é eternamente para o deus que havia de vir a existir um dia⁹⁹; tendo assim raciocinado, fez-lhe um corpo liso e totalmente uniforme, em todos os pontos equidistante do centro e perfeito a partir de corpos perfeitos. Depois, no centro pôs uma alma, que espalhou por todo o corpo e mesmo por fora, cobrindo-o com ela. Constituiu um único céu, solitário e redondo a girar em círculos, com capacidade, pela sua própria virtude, de conviver consigo mesmo e sem depender de nenhuma outra coisa, pois conhece-se e estima-se a si mesmo o suficiente. Foi por todos estes motivos que engendrou um deus bem-aventurado.

C No que respeita à alma, ainda que só agora vamos tratar de falar dela, não é posterior ao corpo. O deus não os estruturou desse modo, como se ela fosse mais nova – ao constituí-los, não permitiu que o mais velho pudesse ser governado pelo mais novo. Ao passo que nós somos muito afectados pela casualidade e, conseqüentemente, falamos também ao acaso¹⁰⁰, já

⁹⁷ Trata-se dos seis movimentos rectilíneos: “para cima”, “para baixo”, “para a frente”, “para trás”, “para a direita” e “para a esquerda”. Quanto ao sétimo, a rotação sobre si mesmo, será aquele mais afim à razão (cf. supra 40a; *Leis* 897c-sqq.) e, por isso, o apropriado para o corpo do mundo.

⁹⁸ *logismos*.

⁹⁹ Isto é, o corpo do mundo. Apesar de utilizar em ambos os casos o verbo *eimi* (“ser”), parece-nos que a distinção entre “ser” (enquanto eterno e atemporal) e “existir” (enquanto corruptível) é evidente e deve ser marcada deste modo.

¹⁰⁰ Timeu recorda a imprecisão da linguagem humana – um

o deus, graças à sua condição e virtude, constituiu a alma anterior ao corpo e mais velha do que ele, para o dominar e governar – sendo ele o governado – a partir dos seguintes recursos e do modo que se expõe: entre o ser¹⁰¹ indivisível, que é imutável¹⁰², e o ser divisível que é gerado nos corpos, misturou uma terceira forma¹⁰³ de ser feita a partir daquelas duas. E quanto à natureza do Mesmo e do Outro¹⁰⁴, estabeleceu, de igual modo, uma outra natureza entre o indivisível e o divisível dos seus corpos. Tomando as três naturezas, misturou-as todas numa só forma e pela força harmonizou a natureza do Outro – que é difícil de misturar – com o Mesmo. Procedendo à mistura de acordo com o ser, formou uma unidade a partir das três, e depois distribuiu o todo por tantas partes quantas era conveniente distribuir, sendo cada uma delas uma mistura de Mesmo, de Outro e de

35A

B

tema a que voltará mais tarde (46e) e que também Crítias retomará (107b-108a). Sobre esta questão, vide supra pp. 55-59.

¹⁰¹ *ousia*.

¹⁰² *aei kata tauta*.

¹⁰³ *eidos*. Embora seja esta a palavra (em concorrência com *idea*) que Platão usa em muitos diálogos para definir as Ideias, no *Timeu* isso acontece apenas uma vez (51c-d); em todas as outras ocorrências tem o sentido de “tipo, espécie” (42d2, 48a7, 48b6, 48e6, 49a4, 51a7, 51c4 etc.).

¹⁰⁴ Os conceitos “Mesmo” (*tauton*), “Outro” (*to heteron*) e, neste contexto, “ser” (*ousia*) só se esclarecem pelo *Sofista*. Neste diálogo (254d-259b), é estabelecido que uma Ideia comporta encerra outros dois elementos constitutivos além do ser: o Mesmo (a sua identidade) resulta de ela ser o que “aquilo que não é ela própria” não é; o Outro (a sua alteridade) representa o outro lado desta implicação, pois uma Ideia difere de “tudo aquilo que não é ela própria”. Sobre esta questão, vide Dixsaut (2003, pp. 158-165); Mesquita (1995, pp. 262-265).

ser¹⁰⁵. Então, começou a dividir do seguinte modo: em primeiro lugar, retirou uma parte do todo; em seguida, retirou outra que era o dobro da primeira; uma terceira, que corresponde a uma vez e meia a segunda e ao triplo da primeira; uma quarta, que era o dobro da segunda; uma quinta, o triplo da terceira; uma sexta, oito vezes a primeira; e uma sétima, que corresponde a vinte e sete vezes a primeira. Depois disto, preencheu os intervalos¹⁰⁶ duplos e triplos, subtraindo partes da mistura inicial e colocando-as entre as outras, de tal forma que cada intervalo tivesse dois centros: um que transpõe um dos extremos e é transposto pelo outro na mesma fracção, e outro que transpõe o extremo que lhe é numericamente idêntico e também ele é transposto. Destas ligações foram gerados nos intervalos atrás referidos outros intervalos de um e meio, um e um terço e um e um oitavo. Através do intervalo de um e um oitavo, preencheu todos os de um e um terço e deixou uma parte de cada um deles, tendo este intervalo sobranete sido definido pela relação entre o número duzentos e cinquenta e seis e o número duzentos e quarenta e três. Foi deste modo que a mistura, da qual retirou aquelas partes, foi utilizada na sua plenitude. Então, cortou toda esta composição em duas partes no sentido do comprimento e, sobrepondo-as, ao fazer coincidir o centro de uma com o centro da outra

¹⁰⁵ Ou seja, a alma do mundo foi formada com os mesmos três elementos que constituem as Ideias: ser, Mesmo e Outro. Sobre as implicações desta equivalência constitutiva, vide Johansen (2004, pp. 138-142).

¹⁰⁶ *diastêma*. Além de espacial, este termo tem também uma aplicação musical, designando nesse caso os intervalos entre os sons (*Filebo* 17c-d; *República* 531a).